

# CADERNOS

# ENTRE LIVROS

# 6

JACOPONE DA TODI  
DANTE ALIGHIERI  
FRANCESCO PETRARCA  
GIOVANNI BOCCACCIO  
GUIDO CAVALCANTI  
LOURENÇO DE MÉDICI  
ARIOSTO  
MAQUIAVEL  
CARLO GOLDONI  
GIAMBATTISTA MARINO  
PIETRO METASTASIO  
UGO FOSCOLO  
ALESSANDRO MANZONI  
GIACOMO LEOPARDI  
CARLO PORTA  
GIOACCHINO BELLI  
IPPOLITO NIEVO  
LUIGI CAPUANA  
GIOVANNI VERGA  
GRABRIELLE D'ANNUNZIO  
FILIPPO MARINETTI  
ITALO SVEVO  
LUIGI PIRANDELLO  
DINO BUZZATI  
CARLO E. GADDA  
ALBERTO MORAVIA  
ELIO VITTORINI  
CESARE PAVESE  
ELSA MORANTE  
TOMASI DI LAMPEDUSA  
GIORGIO MANGANELLI  
NATALIA GINZBURG  
ITALO CALVINO  
UMBERTO ECO  
ROBERTO CALASSO  
GIUSEPPE UNGARETTI  
EUGENIO MONTALE  
SALVATORE QUASIMODO  
GUIDO GOZZANO  
UMBERTO SABA  
DINO CAMPANA  
CAMILO SBARBARO  
PIER PAOLO PASOLINI  
MICHELANGELO ANTONIONI  
LUCHINO VISCONTI

UMA ANÁLISE  
CRÍTICA DE  
AUTORES E  
OBRAS-PRIMAS  
COM SINOPSES,  
PERFIS DE  
PERSONAGENS,  
TRADUÇÕES  
COMPARADAS  
E MUITO MAIS

# Panorama da LITERATURA ITALIANA

Nº 6 - R\$ 12,90

ISSN 078-416-92535486-6



9 788599 535486 >

Buzzati | Gadda | Moravia

# A retomada do romance

POR ADRIANA IOZZI-KLEIN

Na Itália, assim como em toda a Europa, a partir do final da década de 20 até a explosão da Segunda Guerra Mundial, manifesta-se uma geral retomada da narrativa e em especial do romance, agora enriquecido mediante a aplicação das técnicas experimentais das vanguardas.

O romance, que no início do século havia sido criticado e rejeitado pelos movimentos de vanguarda como forma de arte superada, inadequada à mutável percepção coletiva do mundo moderno, volta a ser usado como instrumento útil para indagar e representar a realidade nos seus múltiplos aspectos.

A complexidade da sociedade na época, o definitivo apagar-se das ideologias do século XIX e a multiplicidade das soluções estilísticas à disposição dos escritores contribuem para a riqueza da narrativa do período, seja nos temas como nas formas. Passa-se, então, da retomada da tradição do Realismo do século XIX a uma criação literária influenciada pelas experiências surrealistas; da autobiografia à perda da centralidade do sujeito narrador e do protagonista; do estilo elevado ao uso da gíria e dos dialetos.

No período entre guerras, a crise do mundo liberal burguês originada com a Primeira Guerra Mundial se aprofunda, inclusive em decorrência dos regimes totalitários que se afirmam em países como a Alemanha, Itália e Rússia. Na Itália nascem os *partidos de massa*, tendo como adeptos aqueles que nunca puderam participar do governo, isto é, camponeses, operários e pequenos comerciantes. Inicia-se uma série de greves nas zonas industriais e de invasões de terras no Sul, promovidas principalmente por ex-combatentes. O fascismo começa a pesar sobre a sociedade e sobre a literatura, e a perda do papel autônomo obriga os escritores a adaptar-se ao sistema ou a isolar-se no puro artifício literário. É óbvio que disso derive uma sensação de profunda impotência e de angústia, agravada também pela difusão de concepções de mundo do tipo existencialista.

Entre os anos 30 e 50, percebe-se nos ambientes literários italianos um entrecruzar-se de grupos e vertentes, todos interessados nas formas realistas. Ser realista significava contrapor-se aos grupos domi-



COLEÇÃO PARTICULAR

Os fascistas eram também conhecidos por "camisas negras" por causa do uniforme que usavam. Havia uma idealização romântica do fascismo, como nesta imagem de época

A narrativa contemporânea, apesar de suas linhas divergentes, apresenta pontos de convergência ao representar a realidade em seu significado ambíguo e alegórico

nantes, cultores da retórica, da ênfase expressiva de D'Annunzio e de Croce e da literatura acadêmica.

Nas páginas da revista literária *Solaria*, fundada em 1926, por Alberto Carocci (1904-72), o desprezo à retórica do regime fascista – que impunha entre outras coisas o fechamento às inovações estrangeiras – e a rejeição à literatura fragmentista e elitista encontra no romance do século XIX e XX seus principais modelos inspiradores: Dostoiévski, acima de todos, Proust, Joyce, Kafka, Gide, Mann e, não em menor escala, os escritores americanos. No que se refere à literatura italiana em particular, Alessandro Manzoni é eleito ponto de referência por ter usado o romance como meio de representação crítica da realidade e, ao mesmo tempo, de formação moral e civil dos leitores.

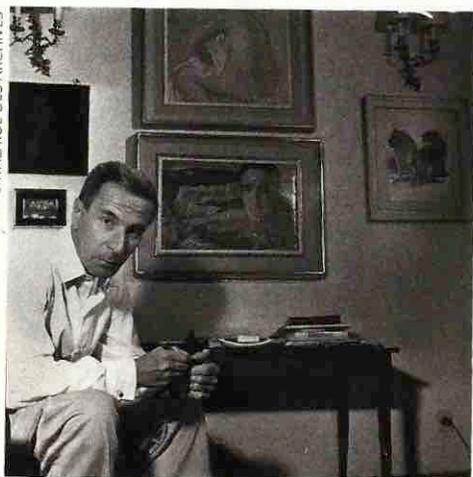
**Narrativa de oposição** ■ Partindo do “problema do realismo”, colocado em evidência por *Solaria* e por outras revistas, depreende-se uma vasta gama daquela que pode ser classificada como narrativa de oposição.

Para ajudar o leitor a achar o fio da meada nesse novelo de autores e livros que surgem a partir dessa época, podemos dizer que de *Solaria* partem duas linhas que direcionam a narrativa italiana contemporânea. Os pontos de convergência (e algumas vezes de divergência) entre essas linhas e autores são vários, mas a relação mais intrínseca entre eles se explicita no fato de que a realidade, embora tomada na sua forma mais evidente, remete sempre a um significado ulterior, ambíguo e alegórico.

Primeiramente temos, marcada pela pesquisa estilística e pela elaboração criativa, uma narrativa que, em sua relação com a realidade, tende ao “jogo”, ao grotesco, ao fantástico e ao surreal. Tal vertente é inaugurada já em 1911 pelo “buffonesco” *Codice Perelà* de Aldo Palazzeschi, que em 1934 publica *Le sorelle Materassi*, um romance em que os esquemas naturalistas são subvertidos de forma bastante irônica. Seguindo este caminho, os autores procuram perscrutar os aspectos misteriosos e inquietantes do mundo cotidiano, aqueles alheios à experiência habitual, dando espaço, dessa forma, às diferentes facetas da imaginação e do pensamento.

Pertencem ao filão, várias narrativas: a produção “metafísica” de Alberto Savinio (1891-1952), o realismo mágico de Massimo Bontempelli (1878-1960), a narrativa fantástica de Dino Buzzati (1906-72), o refinamento estilístico de Tommaso Landolfi (1908-1979), a imaginação visionária de Antonio Delfini (1908-63) e a experimentação lingüística e narrativa de Carlo Emilio Gadda (1893-1973).

Entre os autores “fantásticos” mais instigantes – ignorado por anos pela crítica, mas hoje cada vez mais valorizado –, está Dino Buzzati, escritor, jornalista e pintor, nascido na província de Belluno numa família de alta burguesia. Dono de um estilo que remete a Kafka, Poe e Gogol, o escritor criou na Itália uma literatura capaz de representar de forma excepcional os paradoxos e as angústias da consciência contemporânea. Sua linguagem irônica, intencionalmente simples e comum,



Dino Buzzati (foto tirada 1958) trouxe para a prosa italiana os paradoxos e as angústias da consciência contemporânea

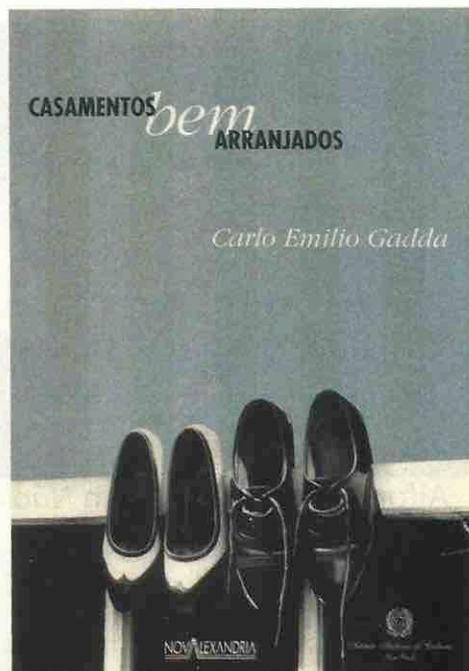
aderente à realidade transparente das coisas, colabora para a criação de uma atmosfera enigmática que leva o leitor a descobrir, por meio de imperceptíveis sinais ocultos sob o véu da normalidade, o mistério da existência humana. *O deserto dos tártaros* (1940), seu livro mais famoso, narra a história do tenente Giovanni Drogo, que aguarda a vida inteira, em um distante forte perdido no meio das montanhas, o ataque de um inimigo que nunca chega. Nesse lugar desértico, imóvel e esquecido – verdadeiro espaço metafísico – o correr do tempo cotidiano marca o inexorável e eterno precipitar de todas as coisas em direção ao fim e ao nada. Aqui, o sentimento da vida revela-se na forma de pesadelo opaco, feito de rotina e angústia, cuja saída é, paradoxalmente, a chegada do inimigo, único evento que poderia justificar uma existência desperdiçada no sacrifício e na espera. Em Buzzati, a sensação de mistério e estranhamento que envolve os acontecimentos revela quase sempre a insensatez das coisas e da vida.

**Desordem do mundo** ■ Também Carlo Emilio Gadda (1893-1973), a seu modo, encontra sua autêntica dimensão literária quando o desejo de não fugir da realidade e da verdade o conduz ao tema fundamental de sua obra: a representação e a análise da desordem do mundo, da sua inexplicável e universal desarmonia. Nascido em Milão, em uma família burguesa, Gadda torna-se escritor, jornalista e colaborador de revistas literárias após abandonar uma carreira de 20 anos como engenheiro para dedicar-se exclusivamente à literatura.

Seu livro mais conhecido, *Quer pasticciaccio brutto de via Merulana*, é publicado em 1957 e inspira dois anos mais tarde o filme de Pietro Germi, *Un maledetto imbroglio*, fato que confere a Gadda certa notoriedade de público.

É difícil dar uma idéia da trama do romance resumindo o conteúdo de cada um dos dez capítulos que o compõem. Aparentemente trata-se de um livro de suspense, mas o recurso a essa forma narrativa serve apenas para proporcionar um esquema estrutural ao texto “enciclopédico”, diversificado no estilo e na linguagem, uma espécie de mescla dialetal feita de inúmeras digressões. Em todo caso, trata-se de uma história ambientada em Roma no ano de 1927, em pleno regime fascista. O delegado Francesco Ingravallo é encarregado de investigar um assalto ocorrido no terceiro andar, do número 219 da Rua Merulana, onde mora também o casal Liliana e Remo Balducci, conhecidos do delegado.

A investigação parece surtir bons resultados até que, dois dias depois do assalto, Liliana é encontrada morta em casa. As investigações se complicam: após cada interrogatório, as pistas que poderiam levar ao culpado, ou culpados, se multiplicam. Das investigações e dos interrogatórios surgem elementos que caracterizam a morta, testamentos hológrafos, doações, apropriações indébitas, jóias e dinheiro escondido. E o romance acaba sem apresentar nenhuma conclusão definitiva.



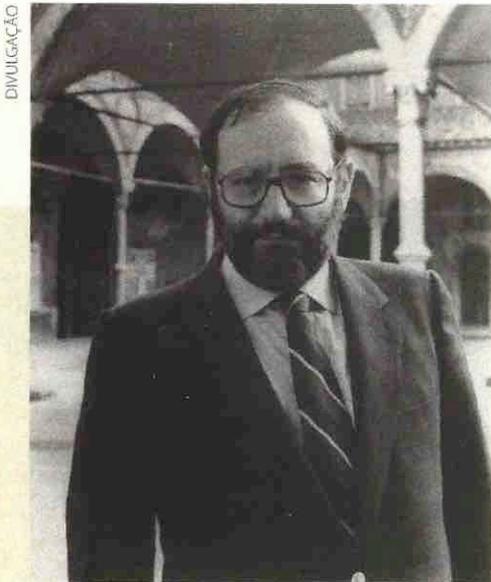
Capa de *Casamentos bem arranjados*, de Gadda, traduzido por Aurora Bernardini (editora Nova Alexandria). Outros livros do autor já foram publicados no Brasil

Na obra de Carlo Emilio Gadda, encontram-se a representação e a análise da desordem do mundo, da sua inexplicável e universal desarmonia

“A linguagem de Gadda narra, antes de mais nada, a si mesma, se coloca em cena. O instrumento da narração se torna o objeto da narração: um labirinto do qual não se sai”

Alfonso Berardinelli, em *Não inventem o romance*

Umberto Eco: com *O nome da rosa*, autor se tornou conhecido internacionalmente



DIVULGAÇÃO

Como bem notou Pier Paolo Pasolini em uma resenha do livro, publicada em 1958 na revista literária *Nuova antologia*, “aquilo que importa no *Pasticciaccio* é, antes de mais nada e sobretudo, a figura do narrador”. E para começar, trata-se de um narrador que não está nem um pouco interessado em tornar linear ou em concluir a história; o que lhe importa é garantir que ela seja contada integralmente a partir de cada diferente aspecto. Disso resulta uma série de percursos menores, alternativos, de pesquisas e hipóteses analisadas de forma minuciosa e sempre provisória, muitas vezes em dialeto e por meio das falas do delegado.

Não é somente fazendo notar as misturas lingüísticas e a forma digressiva do estilo que se reconhece a dimensão inovadora e experimental deste romance. Italo Calvino fala de “romance contemporâneo enciclopédico” a propósito de Gadda em suas *Seis propostas para o próximo milênio*. Este propõe uma representação do mundo, nas palavras de Calvino, “como um rolo, uma embrulhada, um aranzel, sem jamais lhe atenuar a complexidade inextrincável”. Os interesses enciclopédicos do engenheiro, juntamente com a experiência da guerra, se amontoam sobre as páginas do *Pasticciaccio* num quadro que é particularmente grotesco, inquietante e, ao mesmo tempo, profundamente lírico.

**Postura crítica** ■ No período que precede a Segunda Guerra Mundial, o retorno à postura realista na narrativa, e a matriz revolucionária que ela comporta, não assume o aspecto de protesto ideológico e de intolerância contra o regime fascista, mas se traduz, muitas vezes, em um estado psicológico de tédio e angústia e em uma fria e cética crítica aos costumes da época.

Umberto Eco

## Best-sellers eruditos

RESPEITADO MEDIEVALISTA E TEÓRICO da semiótica, Umberto Eco tornou-se mundialmente conhecido em 1980 com *O nome da rosa*. A trama detetivesca do romance gira em torno de assassinatos em série ocorridos num mosteiro medieval e está repleta de citações que vão do filósofo Guilherme de Occam a Conan Doyle (criador de Sherlock Holmes), passando pelo argentino Jorge Luis Borges.

Precursor de *best-sellers* eruditos como *O perfume*, de Patrick Süskind e *O código Da Vinci*, de Dan Brown, o modelo narrativo criado por Eco reaparecerá em *O pêndulo de Foucault* (sátira de sociedades secretas que remontam aos Templários), *A ilha do dia anterior* (aventura de um espião a serviço do cardeal Mazarino, no século XVII) e *Baudolino* (jovem que participa das Cruzadas).

Em seu último romance, *A misteriosa chama da rainha Loana*, Eco assumiu tom mais memorialístico, com a história de um livreiro que, após acidente vascular, tenta recuperar as lembranças mergulhando em reminiscências guardadas em livros de aventura e histórias em quadrinhos de sua infância.

(Manuel da Costa Pinto)

Desse modo, encontramos, na outra linha da narrativa de oposição, autores que exprimem a exigência de apresentar, através de soluções de tipo experimental, a imagem de uma crise, de uma civilização, de uma classe, ao mesmo tempo em que constataam a impossibilidade de fazê-lo acreditando nas totalizantes visões ideológicas ou nas estruturas narrativas naturalistas. É o caso de Alberto Moravia (1907-1990), que com *Os indiferentes* (1929) é imediatamente acolhido nos ambientes de *Solaria*.

Moravia foi escritor persistente (autor de mais de 30 livros entre romances e contos), crítico de teatro, de cinema e de literatura, jornalista, ensaísta provocador, além de incansável viajante. Um pouco “chato”, na opinião do amigo Umberto Eco, além de reconhecidamente entediado e mal-humorado, ele sempre foi respeitado pela postura extremamente crítica em relação a si mesmo e a sua classe burguesa.

Inicia-se como escritor aos 22 anos, com um livro que na obra de um narrador seria possível definir como conclusivo, pois concentra os motivos mais genuínos de sua inspiração, dando plena expressão ao seu mundo.

Em *Os indiferentes*, Leo – um maduro homem de negócios que leva uma vida na qual contam somente (como sempre na burguesia descrita por Moravia) os valores materiais –, entedia-se com a relação que mantém com Mariagrazia, mãe de Carla e Michele, que juntos formam uma decadente família burguesa romana. A fim de divertir-se um pouco, ele corteja a jovem Carla, que aceita sem entusiasmo seus assédios.

Aquilo que Moravia chama de “indiferença” é justamente o estado de ânimo determinado pela ausência de sentimentos profundos e generosos que, por si só, poderiam dar um sentido e uma justificativa à existência humana. Quando faltam esses sentimentos, a vida mostra-se estúpida e desvalorizada. O processo psicológico da indiferença – do qual o romance apresenta toda uma escala, passando pelos vários personagens, – manifesta-se de forma absoluta no personagem Michele, perdido sempre num círculo vicioso, que gira em torno da percepção da depravação doméstica e do tédio que o impede de rebelar-se de forma autêntica.

O romance, publicado no momento em que o poder fascista adquiria a sua forma definitiva, deixou um significativo sinal de novidade no panorama da literatura italiana ao individuar no sexo e no dinheiro os valores autênticos de uma sociedade mascarada em vão por trás de proclamações falsas e retóricas. Tanto é que, no final da década de 30, Moravia assume uma projeção internacional que o ligaria, *a posteriori*, a Sartre e aos escritores existencialistas franceses. Talvez por isso Moravia seja ainda hoje um dos escritores italianos contemporâneos mais conhecidos fora do seu país. ■



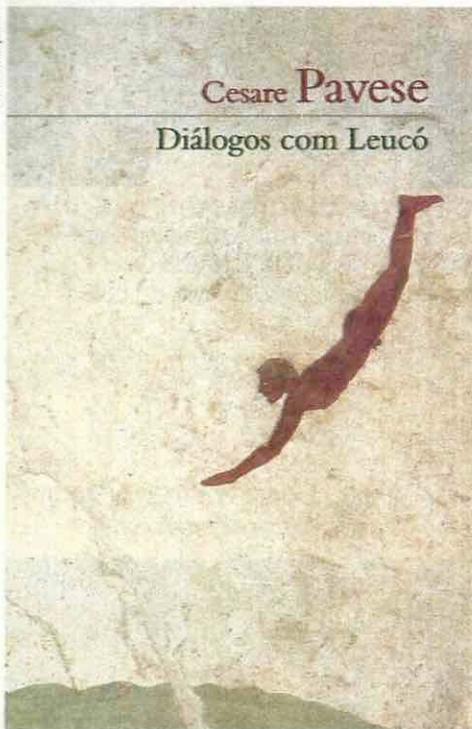
Cena da filmagem de *La disubbidienza* (1980), de Aldo Lado, baseado no romance de Alberto Moravia, de 1948

Em Moravia, “indiferença” é justamente o estado de ânimo determinado pela ausência de sentimentos profundos e generosos. Sem esses sentimentos, a vida se mostra estúpida e desvalorizada

Vittorini | Pavese | Morante | Lampedusa

# Resistência e invenção

POR DORIS NÁTIA CAVALLARI E ADRIANA IOZZI-KLEIN



Capa da edição brasileira de *Diálogos com Leucó*, de Pavese, em tradução de Maurício Santana Dias: livro de diálogos mitológicos onde poesia e prosa se fundem

As experiências dramáticas da guerra e da luta antifascista, que alteram radicalmente a forma de pensar e a história, assinalam uma forte cisão também no plano da vida cultural italiana e exigem da narrativa novos parâmetros.

Entre as décadas de 30 e 40, e depois mais organicamente no pós-guerra, surge a assim definida literatura de Resistência, inaugurada de forma brilhante por Elio Vittorini e Cesare Pavese, cujo realismo simbólico, de influência marcadamente americana, contribuiu para renovar os módulos expressivos da narrativa italiana. Na mesma linha, mas em uma perspectiva de cunho mais regionalista, temos autores como Corrado Alvaro (1895 -1956), Ignazio Silone (1900-1978) e Vitalino Brancati (1907-1954) – pertencentes a um filão, por assim dizer, “meridional” –, e escritores como Vasco Pratolini e Carlo Cassola, representantes de uma ala toscana.

Pavese e Vittorini são os precursores de uma geração de narradores do pós-guerra, para os quais a “renascida liberdade de falar para as pessoas foi, de início, vontade incontrollada de contar”, como observará Italo Calvino, em 1964, no prefácio à segunda edição do seu livro de estória, *A trilha dos ninhos de aranha*, de 1947.

Elio Vittorini (1908-1966), jornalista nascido em Siracusa, tradutor, crítico e romancista, publica em 1941 *Conversa na Sicília* (1939), livro com o qual pretende chamar os homens da sua geração para a luta de libertação do mundo ofendido pela violência e pela imposição ideológica. Nele narra-se o retorno do protagonista, Silvestro, à casa materna e aos lugares e lembranças da infância, numa viagem em busca de respostas aos “abstratos furores” e ao silêncio que consomem sua alma. Ele volta à Sicília nativa para redescobrir as raízes do seu ser e do seu sentir, revivendo situações conhecidas, corais e simbólicas.

Cesare Pavese (1908-1950), também ele tradutor, ensaísta, romancista, além de poeta, foi o escritor mais amado pela geração do pós-guerra e criador de uma obra de grande maturidade estilística, capaz de unir a tensão entre o engajamento social e político e a angústia existencial. Dentre os muitos escritos de Pavese, pode-se destacar *A Lua e as fogueiras*, romance escrito em 1949 e publicado em abril de 1950, pelo qual recebeu o prêmio Strega. A narrativa em primeira pessoa conta a história de Anguilla, um órfão que após uma vida paupérrima junto a uma família de camponeses vai para a América e volta de lá aos 40 anos, rico e melancólico. Este livro, assim como *Conversa na Sicília*, traz um protagonista que percorre

com a memória os acontecimentos da infância na desesperada tentativa de encontrar o sentido da própria existência.

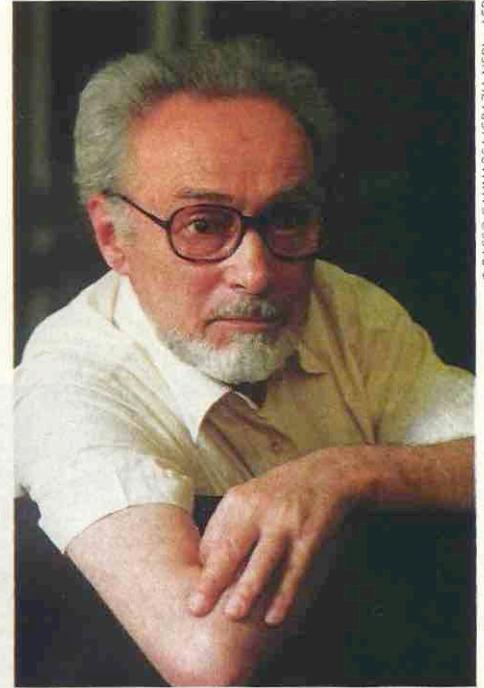
**Estética neo-realista** ■ Em um período tão fértil de histórias surgem autores como Carlo Levi (1902-75) que publica, em 1945, *Cristo si è fermato a Eboli*, um diário do período de confinamento imposto pelo regime fascista. Relato intimista de sua experiência de médico, pintor e escritor judeu-piemontês, vivida durante o exílio em uma das regiões mais pobres do sul da Itália, o livro fornece-nos a dimensão do abandono milenar e do completo desconhecimento que se tinha das necessidades, das dores, das tradições e crenças, enfim, da existência daquela civilização perdida.

Outro nome de vital importância, considerado por alguns o autor neo-realista por excelência, é Vasco Pratolini (1913-91). Natural de Florença, jornalista engajado e narrador nato, torna-se escritor por influência do amigo Elio Vittorini e retrata em suas obras o abandono das classes oprimidas cidadinas. Obras como *Il quartiere* (1943), *Cronache familiari* (1947) – um relato de sua infância e da relação com o irmão mais novo – e *História de pobres amantes* (1947) são protagonizadas em cenários específicos, em ruas e bairros de Florença, com suas vizinhanças de gente pobre e sem recursos para enfrentar a competitividade sempre maior das cidades. Na trilogia *Una storia italiana*, composta pelas obras *Metello* (1955), *Lo sciallo* (1960) e *Allegoria e derisione* (1966), o autor retoma conflitos sociais de vários períodos da história italiana desde a unificação até o período fascista. *Metello* narra a vida de um pedreiro socialista entre 1872 e 1902, período em que o proletariado cresce e se organiza nas reivindicações trabalhistas. Parte da crítica considera este livro como a grande obra do neo-realismo, outra o vê como um marco final daquele tipo de tradição literária.

**Autores extemporâneos** ■ A década de 50 foi para a Itália um momento de grande crescimento econômico e social e a estética neo-realista já não correspondia às necessidades dos leitores; antes, parecia a incômoda lembrança da tragédia que se procurava esquecer. Tensões políticas dentro e fora do país, como a divisão do mundo entre os blocos das superpotências (USA e URSS), a Guerra Fria e a ascensão da Democracia Cristã, mudam também a situação da cultura italiana.

No campo literário, nota-se um desejo de experimentação estética, que oscila entre uma renovada fé na estrutura do romance e uma dissolução crítica da forma romanesca, vista como inadequada à sensibilidade contemporânea e à sua maneira de ler o mundo.

De um lado, dois autores destacam-se em produções extemporâneas que, na visão do crítico Romano Luperini, exemplificam a tradição romanesca do século XX na Itália. Trata-se de Elsa Morante (1912-85) e Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1916-1957). Morante, inicialmente, é autora de romances de grande elegância estilística que unem o engajamento social a questões existenciais. Mas é com *La storia* (1974) que a autora cria seu grande romance histórico, contando ao longo de 670



Primo Levi: autor de obras como *É isto um homem?* e *A trégua*, nas quais fala do período em que ficou preso em Auschwitz.

Na década de 50, a prosa italiana oscila entre uma renovada fé na estrutura tradicional do romance, e na sua total dissolução crítica

páginas as vicissitudes de uma família judia na periferia de Roma nos anos 40. Atingidos diretamente pelos fatos históricos, anunciados no início de cada capítulo, os protagonistas passam por situações dramáticas e pela destruição e morte de todos os membros da família. Neste livro, Morante abandona o refinamento estilístico e apresenta com uma narrativa simples e fluida a sua *Storia*, misto de inocência anarquista e violência das desigualdades e das injustiças.

Giuseppe Tomasi di Lampedusa, duque de Palma e príncipe de Lampedusa – nascido em Palermo, em 1896, descendente de uma antiga família de nobres – iniciou-se tarde no campo da literatura, após uma vida de viagens, de longos momentos de retiro e de dramáticas experiências de guerra. Lampedusa, no entanto, foi sempre um apaixonado leitor de romances, especialmente, franceses e ingleses. Seu único romance, *O gattopardo* (1958), publicado póstumo, trata da história do Príncipe de Salina e da decadência da aristocracia siciliana com a chegada da missão garibaldina e da eminente unificação da Itália. O livro reflete, de forma nostálgica e intimista, sobre o fim das ilusões de renovação civil e política da ilha com o novo governo e foi imortalizado no filme homônimo de Luchino Visconti (1963), que consegue com maestria manter a idéia central do romance: a de um mundo que muda para continuar sempre igual.



Cena do filme *Il Gattopardo*, de 1963, um clássico da filmografia de Visconti, baseado no romance de Lampedusa

*Hilarotragoedia* de Manganelli, exemplo da nova literatura experimental italiana, é a descrição de uma vocação infernal. “O homem tem natureza descencional”, diz o escritor

**Neo-vanguarda** ■ No outro extremo, em explícita controvérsia com esse tipo de escritura, encontramos a neo-vanguarda, que oficialmente se constitui no “Gruppo 63”, empenhado em combater os módulos do romance neo-realista e da narrativa de consumo por meio da proposta de novos conteúdos e formas lingüísticas. Nomes como Giorgio Manganelli (1922-1990), Elio Pagliarani (1927), Alfredo Giuliani (1924-2007), Edoardo Sanguineti (1930), Nani Balestrini (1935), são sempre citados como porta-vozes deste grupo. Para se ter uma idéia dos experimentos literários realizados por eles, basta citar a obra do milanês Manganelli – escritor, ensaísta, crítico, tradutor, jornalista e, por vários anos, professor de literatura inglesa.

Seu primeiro romance, *Hilarotragoedia* (1964), é certamente um notável exemplo de literatura nova e experimental. Inicialmente um caderno de notas escrito por sugestão do psicanalista, o livro é a lúcida descrição de uma vocação infernal, caracterizada por uma escrita de tipo dinâmico, no sentido que aponta de fato para baixo, para as profundezas. “O homem – escreve Manganelli em letras garrafais no início da página – tem natureza descencional”.

Apesar do valor referencial, ou melhor, confessional, que este trabalho sem dúvida deve ter tido para o autor, o livro prega ironicamente a idéia da *letteratura come menzogna* (literatura como mentira), elaborada por Manganelli em vários de seus ensaios críticos. O que isso quer dizer? Quer dizer que a mentira é um conceito ligado ao artifício

Roberto Calasso

## O ritmo circular do mito

ENSAÍSTA E DIRETOR DA EDITORA Adelphi, de Milão, Roberto Calasso é autor de romances de caráter alegórico, calcados numa visão da história como mito da queda, da perda da unidade primordial. Isso aparece explicitamente em *As núpcias de Cadmo e Harmonia* (paixões, raptos e estupros entre deuses do Olimpo) e *Ka* (o enigma do mundo conforme a mitologia védica). Mas mesmo em *L'Impuro folle* (O louco impuro) e *La rovina di Kasch* (A ruína de Kasch), mais próximos da realidade do século XX, Calasso impõe ao tempo histórico, supostamente irreversível, o ritmo circular do mito.

A primeira parte da autobiografia delirante do jurista alemão Daniel Paul Schreber (base de Freud para sua teoria da paranóia), transformando as fantasias totalitárias desse “doente dos nervos” em metáfora da “laceração da Ordem do Mundo” pelos saberes modernos. E, no segundo, Kasch é o reino lendário que entra em decadência quando seus sacerdotes se desviam da ordem celestial – dando início a uma história vista como sucessão de ruínas, desde a Revolução Francesa até a Rússia de Stalin. (M.C.P.)

(à ação ou ao gesto não natural de escrever) que, na estética barroca, corresponde à pura criatividade, ao belo sem função alguma. A literatura é criação e, portanto, não é somente mentirosa, falsa e enganadora, mas é também totalmente inútil. “O escritor”, diz Manganelli, “escolhe ser, antes de tudo, inútil”. E é daqui que nasce a sua distância da matéria narrada e, portanto, a possibilidade de construí-la com liberdade criativa, lúdica, grotesca, dessacralizante e até mesmo blasfema.

Outra autora que vale ser lembrada é Natalia Ginzburg (1916-1991), viúva do antifascista Leone Ginzburg, morto em 1944 na prisão, que começa a trabalhar na Editora Einaudi, ao lado de Pavese, no final da guerra. Seus livros, em particular a obra maior *Lessico familiare* (1963), retomam o ambiente familiar e intelectual em que se formou, sem abrir mão de fatos políticos e históricos que determinaram sua vida e sua carreira. Este romance é uma espécie de diário-testemunho, pois, ao mesmo tempo em que relembra a infância e o ambiente familiar, relata fatos históricos importantes que marcaram a trajetória dos judeus italianos no período fascista, numa escrita lírica, melancólica e de denúncia.

É quase óbvio dizer que os autores citados até agora não exaurem o panorama da narrativa italiana do período. Muitos outros, em uma reflexão mais ampla do que esta que se pode fazer aqui, mereceriam atenção. Ainda que rapidamente, vale a pena recordar alguns nomes, por exemplo, da chamada literatura de indústria: Ottiero Ottieri, Luciano Bianciardi, Goffredo Parise e Paolo Volponi. Na literatura mais recente, não poderiam ficar de fora escritores como Gesualdo Bufalino, Vincenzo Consolo, Luigi Malerba, Antonio Tabucchi, Andrea De Carlo, Daniele Del Giudice ou Pier Vittorio Tondelli. ■



Roberto Calasso: romances alegóricos

Calvino

# Narrativas cruzadas

© ITAL/UE DES ARCHIVES



Italo Calvino com outros escritores, em 1959, após a entrega do prêmio Bagutta, em Milão, do qual ele foi vencedor

Entre os escritores das gerações formadas no clima da Resistência e do Neo-realismo, o mais lúcido e dotado talvez seja Italo Calvino (1923-1985), ensaísta, jornalista e editor, nascido por acaso em Santiago de Las Vegas, Cuba, onde o pai, botânico de renome, trabalhava em um projeto experimental. Considerado um dos mais importantes escritores de nossa época, o conjunto de sua obra pode ser tomado como um documento da evolução da sensibilidade literária italiana e européia das últimas décadas. Já no romance de estréia, Calvino revela-se inquieto experimentador de técnicas literárias: *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), embora imbuído de espírito neo-realista, trazia os sinais de sua própria contestação na forma de uma fantasia irônica

que invertia o heroísmo de seus personagens e na prosa límpida e precisa, que será a marca registrada do escritor.

Com o passar dos anos, ele vai mudando gradativamente o foco de interesse e a forma de narrar. A fábula assume para sua obra papel extremamente relevante (em 1956, ele edita *Fábulas italianas*) e é estudada e reescrita de modo particular nas séries de *Marcovaldo*, reunidas num volume em 1963.

Seus resultados mais originais surgem, contudo, com os romances breves, *O visconde partido ao meio* (1952), *O barão nas árvores* (1957), *O cavaleiro inexistente* (1959). A trilogia – marcada pela alegoria e pelo cômico – é ambientada no mundo dos cavaleiros do Renascimento e cria um tipo de fábula, carregada de intenções pedagógicas, que auxilia o escritor na análise dos mais espinhosos temas da realidade.

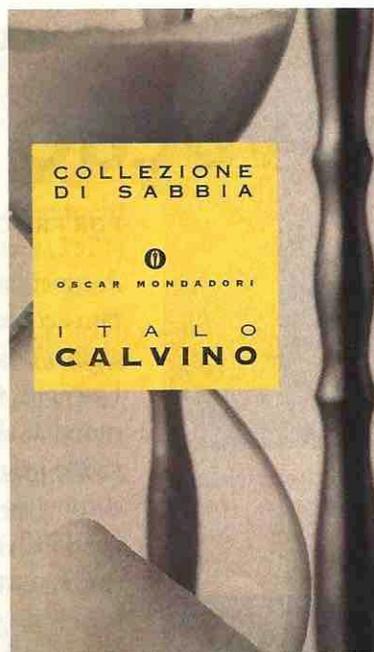
A perplexidade e os desenganos diante dos acontecimentos

históricos (lembramos que, em 1957, Calvino abandona a militância política no partido comunista) o induzem a transferir os seus questionamentos artísticos e existenciais para outros campos. Nos anos 60, durante os períodos em que vive na França, surgem *As cosmicômicas* (1965) e *Ti con zero* (1967), que utilizam perspectivas da ciência e sugestões da ficção científica para construir narrativas repletas de surpresas e de desvios imprevisíveis, com referências inclusive a comédias cinematográficas.

**Cartas de tarô** ■ Os livros da década de 70 são as últimas experiências realmente inovadoras, construídas por meio de uma técnica, a “combinatória narrativa”, que permite à literatura tornar-se objeto de si mesma. É o caso do arrojado experimento estruturalista de *O castelo dos destinos cruzados* (1969), em que o autor demonstra sua habilidade literária descrevendo as possibilidades narrativas que surgem do ato de embaralhar as cartas de um maço de tarôs. É o caso também de *As cidades invisíveis* (1972), obra de estrutura complexa, escritura refinada e de alto virtuosismo narrativo. Aqui acompanhamos o diálogo imaginário do jovem viajante Marco Polo que descreve a Kublai Khan, imperador dos tártaros, as cidades conhecidas durante suas expedições. São, porém, cidades invisíveis, nascidas do confronto com a cidade natal de Marco Polo e, por isso, vivas somente na memória e no sonho. Cidades rememoradas ao velho Kublai como formas possíveis, mas sempre incompletas e contraditórias.

O mais metanarrativo desta fase é, sem dúvida, *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), romance construído intencionalmente com os ingredientes do romance de consumo e que revelam ao leitor, eleito personagem principal da narrativa, o engano do mecanismo literário. Já com *Palomar* (1983) – uma série de narrativas, com traços claramente autobiográficos publicadas pouco antes de sua morte –, Calvino parece colocar novamente em discussão suas concepções literárias ao voltar a propor certa unidade da narração, por meio de uma forma indefinida que oscila entre descrição e invenção literária. Quanto mais fechado e fragmentado é o campo de observação do real (objetos, animais, plantas, ondas do mar, constelações de estrelas, queijos numa loja parisiense), mais complexas e múltiplas são as possibilidades de narrá-lo.

A década de 80 é o período em que Calvino organiza suas coletâneas de ensaios, dando curso à época mais lograda de sua carreira de teórico e crítico da literatura. Com a “trilogia” composta por *Una pietra sopra* (1980), *Collezione di sabbia* (1984) e *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), publicado postumamente, Calvino parece defender a capacidade de invenção do discurso crítico, sua especificidade em relação à criação poética e a fecundidade que reside na mútua aprendizagem entre teoria e prática literária. (A. I-K.) ■



Capa de *Collezione di Sabbia*, reunindo alguns ensaios do escritor e editor Calvino

REPRODUÇÃO

“O homem tem sofrido sempre da falta de um olho na nuca, e sua atitude cognitiva só pode ser problemática, porque ele nunca estará seguro do que existe às suas costas (...).”

Calvino